

Recebido em: 09/05/2024
Aprovado em: 15/05/2024
Publicado em: 06/08/2024

HEGEL EM MOSCOU

notícias sobre o Idealismo alemão em terra eslava

HEGEL IN MOSCOW

news about German Idealism in Slavic land

Virgínio Martins Gouveia¹
(virginiomgouveia@gmail.com)

Resumo: O escopo geral deste trabalho é oferecer um panorama do acolhimento da filosofia hegeliana em solo russo, ademais: o entusiasmo generalizado da *Intelligentsia russa* com o pensamento de Hegel. Nos interessa corroborar a fim de lapidar uma imagem circunspecta de como o idealismo alemão fundiu-se com o terreno filosófico nacional da cultura eslava através de tensões históricas e filosóficas – oriundas do século XIX. Isto posto, a conflagração levada a cabo entre *eslavófilos* [славянофилы] e *ocidentalistas* [западники], glosas políticas e estéticas e o manuseio e cotejamento do material filosófico hegeliano farão parte da presente composição textual.

Palavras-chave: Hegel. Rússia. Idealismo. Eslavófilos. Ocidentalistas.

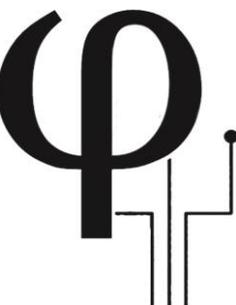
Abstract: The general scope of this work is to offer an overview of the reception of Hegelian philosophy on Russian soil, in addition: the widespread enthusiasm of the *Russian Intelligentsia* with Hegel's thought. We are interested in corroborating in order to polish a circumspect image of how German idealism merged with the national philosophical terrain of Slavic culture through historical and philosophical tensions - originating from the 19th century. That said, the conflagration between *Slavophiles* [славянофилы] and *Westernists* [западники], political and aesthetic glosses and the handling and comparison of Hegelian philosophical material will be part of the present textual composition.

Keywords: Hegel. Russia. Idealism. Slavophiles. Westerners.

À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO: ESLAVÓFILOS E OCIDENTALISTAS

Como sublinhou um filósofo russo, apesar da Revolução Francesa ter parecido impelir a dinâmica da história a parar de “retroceder”, logo após essa escalada sem retrocessos, a Rússia surgira inesperadamente como potência política na Europa. *Der Geist der Welt* conduziu o

¹ Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, com estadia doutoral no Instituto de Filosofia de Moscou – Academia Russa de Ciências (Rossiiskaia Akademiia Nauk, Ran). Estudou língua russa na Universidade de Linguística de Níjni Novgorod.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3578968222394826>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7142-5992>.



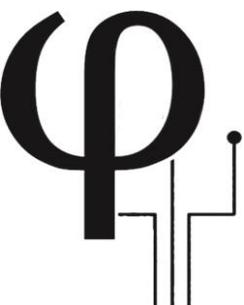
Grande Exército a Moscou, para tão logo ser derrotado e expulso do território eslavo por Alexandre I. A Rússia, ao conquistar a vitória sobre Napoleão, exaltava-se através da guerra o que Piotr Velikii [Pedro, o Grande] havia tentado, por meio das artes, ao construir no norte da Rússia sua própria “Janela para o Ocidente”, isto é, ser reconhecido e respeitado como um país de cultura europeia e, sobretudo, como um grande país.

Em 1815 os cossacos extravagantes no *Champs-Élysées* vingaram a afronta que Pedro I sofreu quando Luís XIV se recusou a receber o imperador russo no palácio de Versalhes por considerar a Rússia um país “atrasado”, do qual a França deveria distanciar-se e nada esperar. No entanto este “atraso” não poderia ser sublimado através de uma vitória de guerra, por mais gloriosa que tenha sido aquela vitória. Aos olhos europeus, a Rússia estava contorcendo-se em um sistema político medieval obscurantista, o qual deveria seguir o ritual político emancipatório levado a cabo pela Revolução Francesa, sob o risco de perder o seu primeiro importante acontecimento, a saber, seu próprio encontro com a “história”, e ser esfacelada em seu “asiatismo”. Catarina II, que se entusiasma, vendo com grande apreço o seu contato pessoal com filósofos franceses como Diderot e Voltaire, após uma longa relação de quinze anos, não titubeou ao falar de *contagion française* [Французская зараза], na Rússia.

A dialética do atraso da Rússia em relação ao desenvolvimento do Ocidente estava enraizada no debate intelectual, e para enfrentar as tendências ocidentalistas liberais surgira um pensador russo – Nikolai Karamzin – que afirma a tese de uma identidade russa genuína, ao mesmo tempo que sublinhava os critérios ocidentalistas de modernidade enquanto um padrão de progresso:

Pedro, o Grande, ao nos unir à Europa e nos mostrar as vantagens da civilização, por um curto período de tempo menosprezou o orgulho nacional dos russos. Nós lançamos nossos olhos, por assim dizer para a Europa e, apenas pelo nosso olhar, nos apropriamos dos frutos do seu longo trabalho. Por muito pouco o grande soberano ensinou nossos soldados a lidar com as armas modernas que eles usaram para enfrentar o Primeiro Exército da Europa. [...] Aqui, adquirimos conhecimento e gosto suficientes para não nos perguntarmos interminavelmente como vivem em Paris e Londres? Que roupas usam lá, que veículos usam e como decoram os interiores? Um patriota se apressa para trazer de volta para seu país tudo o que é virtuoso e útil, mas ele rejeita a imitação servil de trivialidades, ofensas ao orgulho nacional. É bom e necessário aprender; mas ai do homem e das pessoas que sempre permanecerão alunos!² (Карамзин, Н. 2013, p. 736, tradução nossa).

² No original: “Петр Великий, соединив нас с Европою и показав нам выгоды просвещения, ненадолго унижил народную гордость русских. Мы взглянули, так сказать, на Европу и одним взором присвоили себе плоды долговременных трудов ее. Едва великий государь сказал нашим воинам, как надобно владеть новым оружием, они, взявшего, летели сражаться с первою европейскою армиею. Теперь мы уже имеем столько знаний и вкуса в жизни, что могли бы жить, не спрашивая: как живут в Париже и в



Além da forma chistosa e quase burlesca de um epinício ao mundo moderno nacional russo, o qual nos apresenta a moda de Paris explicitamente reconhecida como o apogeu do bom gosto europeu, nos chama atenção o eslavofilismo embrionário, que consente sua inanição em batalhas em território ocidental. Aturdido por sua impremeditada integração ao rio turbulento da história europeia seguida após o triunfo sobre Napoleão, a Rússia desenvolveu-se através de sua dialética do atraso, no entanto, buscando sempre sua própria soberania.

A identidade russa, em seu relacionamento com os países desenvolvidos do ocidente, encontrou aporte sobretudo na França. A história do excêntrico devir rumo ao mundo moderno enquanto realização da nação, no deslizar desse transpassamento se esbarra com uma contrafase: trata-se da perda da originalidade e da especificidade nacional russa. Neste marco, o discurso emergente dos eslavófilos não consegue se expressar de forma enfática em sua luta contra a herança ocidental, em uma batalha perdida contra a dinâmica de um conceito em níveis mais elevados do seu próprio estágio; a Rússia sente o vento da história tocar suas costas.

O século XIX foi a quadra histórica da emergência do conflito entre *eslavófilos* [славянофилы] e *occidentalistas* [западники], dois blocos de pensamentos integrados – mas inconscientemente desconhecidos – os quais enquadram-se numa nova ontologia da história, a de uma história universal que se afirma enquanto processo, enquanto devir contraditório rumo à modernidade – *a nosso ver, tudo isto parecia preparar o terreno para a recepção de Hegel em terra eslava.*

Para ser mais fiel à definição de cunho hegeliano, em que pese os exercícios do Geist no tempo, é ali então onde *o princípio se cruza com o acontecimento*; assim a filosofia de Hegel penetra o solo russo. A recepção de Hegel é fecundada pelas tensões políticas e literárias oriundas do século XIX. O pensamento de Hegel passa a ser veiculado pelos jornais da Europa ocidental, os quais nos anos de 1820-1830 enfatizavam uma abordagem acadêmica da obra de Hegel tão somente para tecer uma interpretação das notícias da época à luz das categorias do sistema do filósofo alemão.

Hegel gera um entusiasmo generalizado na *Intelligentsia russa*, entre estes intelectuais podemos destacar: Alexander Herzen, o precursor do socialismo russo; Piotr Tcháadaiv, autor de *Cartas Filosóficas* [Философические письма] – o tiro no escuro que detonou o debate entre *occidentalistas* e *eslavófilos* na Rússia do século XIX; Ivan Turguêniev, autor do livro *Pais e*

Лондоне? Что там носят, в чем ездят и как убирают дома? Патриот спешит присвоить отечеству благодетельное и нужное, но отвергает рабские подражания в безделках, оскорбительные для народной гордости. Это хорошо и необходимо учиться; но горе тому человеку и людям, которые навсегда останутся учениками”.

Filhos [Отцы и Дети], que cunhou pela primeira vez na história o termo *Nilismo* [Нигилизм] e Vissariôn Belínski, o crítico literário russo que revelou ao público o jovem Dostoiévski e que aderiu ao socialismo utópico por intermédio de seu amigo Herzen.

A Intelligentsia russa daquela época encontrava no hegelianismo um sustentáculo filosófico para fortalecer a argumentação em prol da abolição da servidão no país, indo para além da subjugação da filosofia ao dogma ortodoxo, sublinhando a importância da unidade entre ciência e filosofia. Vissariôn Belínski tinha uma vida ativa de divulgação de ideias através de sua revista *O contemporâneo* [Sovremiennik], na qual *Gente Pobre* [Бедные люди], o primeiro romance filantrópico de Dostoiévski foi publicado.

Os leitores de Hegel são confinados em grupos de intelectuais europeístas com participação restrita, onde em solo russo, logo após ao acontecimento de explícitos traços europeus, a saber, a Insurreição Dezembrista de 1825, seguida de uma cuidadosa revisão destacando os excessos do terror jacobino eslavófilo – realizavam críticas da *Révolution Française*, ao mesmo tempo que clamavam em nome do progresso político na Rússia.

Em linhas gerais, os ocidentalistas russos usavam Hegel mais como uma fonte de inspiração que os ajudava a pensar uma forma de modernidade russa com inspiração ocidental, sem, todavia, esmiuçar como objeto de estudo o sistema hegeliano em sua totalidade. Contudo, com a criação do círculo de intelectuais [кружок] de Nikolai Vladimirovich Stankevich que, num primeiro momento, fora profundamente influenciado pelo romantismo devido a sua relação estreita com o professor universitário Pavlov, o qual foi responsável pela introdução do romantismo alemão na Rússia. Aos poucos as influências da filosofia alemã transitaram do romantismo de Schelling ao idealismo de Hegel. E uma franja mais radical começou a se destacar nesse krujok, a saber, tendo como maior representante jovem Mikhail Bakunin, que julgava ser mais conveniente para aquela época estudar perspectivas filosóficas que solapavam através da tensão entre teoria filosófica, as contradições sociais e o futuro da história em movimento.

Herzen, o pai do socialismo utópico russo dizia sobre este grupo que eles pregavam o “romantismo [Schelling] para o coração e o idealismo [Hegel] para a cabeça”. E ao buscar uma síntese do conflito entre Schelling e Hegel em terras eslavas, o intelectual russo claramente buscou uma resolução dialética, a qual acentuava a relevância da posição hegeliana – “Sentimentos sem conceitos são cegos, conceitos sem sentimentos são vazios³” (Герцена, 2016, p. 2, tradução nossa).

³ No original: “Чувства без понятий слепы, понятия без чувств пусты”.

1 A FORÇA DO NEGATIVO ESLAVOFILADO, UM HEGEL ERRADO, MAS VIVO⁴: BAKUNIN E TCHERNICHÉVSKI

*Eles não estão impregnados do verdadeiro Zeitgeist⁵
(БАКУНИН, 2014, p. 324, tradução nossa)*

Em 1840, Bakunin se transfere de São Petersburgo para Berlim. Movido pelo impulso romântico que contagia os estudantes russos da época, o anarquista russo se instala naquela que viria a ser capital da Alemanha, para tão somente, aprofundar seus conhecimentos sobre hegelianismo, enquanto os estudantes russos mais moderados sentiam-se confortáveis nos círculos literários de São Petersburgo.

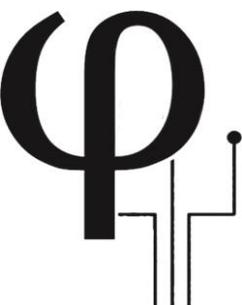
Aos vinte e sete anos, obtive de meu pai, com grande dificuldade, a autorização de ir para o exterior estudar na Universidade de Berlim. Estudei lá por um ano e meio [...] [eu] estudei ciências, mais especificamente metafísica alemã, na qual mergulhei quase ao ponto da loucura; e durante as noites e os dias eu não via outra coisa além das Categorias de Hegel⁶ (Бакунин, 2014, p. 50, tradução nossa).

O que há em Berlim que Bakunin não pode encontrar em São Petersburgo? Sessenta anos antes de Lênin, Bakunin se entrega inteiramente à filosofia hegeliana, em especial à *Ciência da Lógica* (Wissenschaft der Logik), e tal entrega não se faz de forma gratuita. O russo percebe a relevância filosófica de duas categorias de Hegel para a causa revolucionária: 1) *Liberdade/Freiheit* (Свобода) e 2) *Negativo/Negative* (Отрицательное). Todo o movimento realizado pela dialética especulativa hegeliana se restringe ao trabalho do negativo como o único mecanismo real de desdobramento para a realização do *Espírito livre/freier Geist* (свободный Дух). Bakunin faz uma leitura materialista de Hegel enfatizando como núcleo constitutivo da realidade o espírito hegeliano, em uma síntese aberta ao real, isto é, o subverte por via da inversão materialista.

⁴ Aqui usamos essa expressão emprestada de um ensaio genial de Paulo Arantes. O filósofo brasileiro apresenta em sua feliz expressão o transporte da interpretação eslava de Hegel e seu conseqüente contágio na França através da leitura do filósofo russo, radicado em Paris, Alexandre Kojève. Pensando a lógica estrutural de seu ensaio, podemos observar um movimento do hegelianismo eslavo da Rússia para o Ocidente/França. O que estamos tentando oferecer nesse nosso primeiro capítulo é algo semelhante, no entanto, seguindo outra direção, ou seja - nosso movimento se configura do hegelianismo Ocidental/Alemanha para a Eurásia/Rússia.

⁵ No original: “Они не проникнуты действительным духом времени”.

⁶ No original: “В возрасте двадцати семи лет я с большим трудом добился от отца разрешения на выезд за границу для учебы в Берлинском университете. Занимался же науками, особенно германскою метафизикою, в которую был погружен исключительно, почти до сумасшествия, и день и ночь ничего другого не видя кроме категорий Гегеля”.



A saída bakuniana, poderíamos dizer, é mais do que um simples materialismo contemplativo, acima de tudo, ela pressupõe um dinamismo político no qual o espírito abstrato hegeliano é transvalorizado para seu dinamismo imanente no mundo, transformando-se em Espírito material prático. Como acentuou o próprio Bakunin: “Hegel é sem réplica o maior filósofo do nosso tempo, o mais alto cume da nossa cultura moderna considerada unicamente do ponto de vista teórico”⁷ (Бакунин, 2014, p. 51).

Ao integrar a totalidade do próprio sistema hegeliano ao processo da dialética especulativa, Bakunin busca uma síntese teórica revolucionária, o jovem hegeliano russo afirma o Espírito Prático como a verdade para sublimar a contradição da abstração. A força do negativo inerente à consciência prática do mundo emergente da filosofia, a qual alimentou então um debate virulento no cenário alemão daquela época, cujos efeitos já se faziam sentir na Rússia no final da década de 1830, algo que poderia ser traduzido pela seguinte indagação – o que fazer com a filosofia positiva de Schelling?

Ou seja, tratar-se-ia da existência de uma determinação filosófica importantíssima na arquitetura da obra de Schelling, O Positivo/Das Positive (положительное) que, por sinal, não emergia à consciência a partir de uma dinâmica dialética, o que parecia ser para os jovens hegelianos uma incongruência filosófica, por justamente marcar um retrocesso temporal do espírito à transcendência; para Bakunin, de alguma maneira a filosofia kantiana é uma polaridade de expressões sem movimento, uma contradição sem dialética. Bakunin assiste com entusiasmo à palestra inaugural de Schelling em 15 de novembro de 1841 na Berliner Universität. Schelling é considerado por Bakunin como um representante daquilo que ele denominava enquanto Filosofia Positiva/positive Philosophie (положительная философия). Por filosofia positiva, Bakunin entende a direção da filosofia alemã [Fichte, Schelling], que se opôs à filosofia de Hegel, considerando a Revelação/Offenbarung (откровение) como a fonte do Conhecimento positivo/positives Wissen (полемическое знание).

Contudo, ligeiramente, este último atraiu a ira dos jovens hegelianos, com Bakunin na liderança, que o considerava um “revisionista” do pensamento de Hegel. A expressão “Schellingien” passou, a partir desta quadra histórica, a convergir cada vez mais com a noção de “reacionário”. É nessa atmosfera de crítica a Schelling que Bakunin redigiu seu artigo *A Reação na Alemanha* [Реакция в Германии]. Publicado em 1842 pelo jovem hegeliano alemão Arnold Ruge, nos *Deutsche Franz Jahrbücher* sob a rubrica do pseudônimo de um intelectual

⁷ No original: Гегель, безусловно, является величайшим философом современности, высочайшей вершиной нашего современного односторонне теоретического образования.

francês – "Jules Élysard", levando a acreditar na crença do movimento revolucionário da história embalada pelo encontro por vir entre o futuro e a democracia:

Liberdade, realização da liberdade: quem pode negar que estas palavras estão agora à cabeça da ordem do dia da história? Amigos e inimigos a reconhecem apesar de tudo, e ninguém ousa declarar-se abertamente e audaciosamente adversário da liberdade⁸ (Бакунин, 2014, p. 43, tradução nossa).

A indagação retórica feita por Bakunin no início do seu ensaio já traz em si mesma uma esperada resposta, legitimando a verdade do processo histórico, o qual entra em cena para orientar a realização da liberdade, mas também sua necessidade preparatória prática, sua práxis, sua ação e sua violência contra o reacionarismo alemão. Assim, Bakunin, fortemente convencido por uma historicidade hegeliana, apresenta suas acusações:

Reconhecemos, portanto, sinceramente que a força atual do partido reacionário não é um fato do acaso, mas é uma necessidade histórica. Não tem a sua origem na imperfeição do princípio democrático: este é, na realidade, a igualdade entre os homens se realizando em liberdade, mas é também esta identidade do espírito, a mais profunda, a mais geral, a mais universal. Numa palavra, esta identidade única que se manifesta na história. Esta força do partido reacionário é o efeito da imperfeição do partido democrático que não é ainda bem sucedido na consciência afirmativa do seu princípio e, por consequência, não existe senão como negação da realidade presente. Mas não sendo senão negação, mantém-se, primeiro, necessariamente alheio a esta plenitude da vida, de que não pode ainda compreender o desenvolvimento a partir de um princípio concebido por ele sob uma forma quase unicamente negativa⁹ (Бакунин, 2014, p. 45, tradução nossa).

A presença da dialética na filosofia da práxis de Bakunin se circunscreve em torno de um encontro entre liberdade e negatividade conceitual, e busca, conseqüentemente, o eclipse da totalidade positiva que se retroalimenta. O partido democrático encontrará a potência de sua própria atividade em seu poder de agir na força do negativo rumo à Liberdade.

⁸ No original: "Свобода, реализация свободы: кто может отрицать, что эти слова стоят сейчас во главе повестки дня истории? Его признают и друг, и враг, несмотря ни на что, и никто не смеет открыто и дерзко заявить о себе против свободы".

⁹ No original: "Этим мы хотим открыто признать, что нынешнее могущество реакционной партии не случайно, а необходимо. Оно коренится не в несовершенстве демократического принципа (ибо последний состоит в равенстве людей, реализующемся в свободе, а значит, составляет глубочайшую, наиболее общую и всеобъемлющую — словом, единственно проявляющуюся в истории сущность духа), а в несовершенстве демократической партии, которая еще не пришла к твердому осознанию своего принципа и потому существует только как отрицание настоящего положения вещей. В качестве такового, в качестве только отрицания она прежде всего непременно стоит вне всей полноты жизни, — полноты, которую она еще не может развить из своего принципа, понимаемого ею почти исключительно в отрицательном смысле".



É ainda menos possível ajudar a superar as imperfeições do partido democrático eliminando a unilateralidade de sua existência como partido, reconciliando-o externamente com o positivo. Esta seria uma tentativa fútil, porque o positivo e o negativo são completamente incompatíveis entre si. O negativo, na medida em que é tomado isoladamente e por si mesmo em sua oposição ao positivo, à primeira vista parece vazio e sem vida; e essa aparente falta de conteúdo é ao mesmo tempo a principal censura que os positivistas fazem contra os democratas. No entanto, essa censura é baseada em um mal-entendido, pois o negativo não é algo isolado – como tal, não seria o nada – ele existe apenas como o oposto do positivo; toda a sua essência, conteúdo e vitalidade residem na destruição do positivo¹⁰ (Бакунин, 2014, p. 46, tradução nossa).

A interpretação de Bakunin acerca da filosofia de Hegel é conduzida pela “impaciência do conceito”, paciência que enxerga a história se movimentando e se realizando enquanto realidade diante de seus olhos. Bakunin enfatiza o conflito entre o princípio e a existência [сущность и существование]. Buscando contribuir para uma aceleração da história, interessasse pela tensão dialética polarizada entre categorias extrematizadas: o positivo e o negativo. Compreende o positivo enquanto um período já superado da história que persiste injustamente na manutenção de sua dominação; já o negativo tem em si a potência de trazer para a história um novo tempo do mundo. Sublinhando, portanto, uma Contradição /Widersprüche (противоречия) que engendrará o novo.

A *contradição* é a essência mais íntima, não somente de toda a teoria determinada ou particular, mas ainda da teoria em geral; e assim, o momento em que a teoria é compreendida e também, ao mesmo tempo, quando o seu papel acabou. Devido a este contributo a teoria transforma-se num mundo novo, prático e espontâneo, na presença real da liberdade. [...] A contradição e o seu desenvolvimento imanente formam um dos princípios de todo o sistema hegeliano, e como esta categoria é a categoria principal, é também a característica principal da nossa época¹¹ (Бакунин, 2014, p. 50, tradução nossa).

¹⁰ No original: “Еще менее можно способствовать преодолению несовершенства демократической партии устранением односторонности ее существования в качестве партии посредством внешнего примирения ее с положительным. Это было бы тщетною попыткою, потому что положительное и отрицательное друг с другом совершенно несовместимы. Отрицательное, поскольку оно в своем противоположении положительному берется изолированно и само по себе, на первый взгляд кажется бессодержательным и безжизненным; и эта кажущаяся бессодержательность является в то же время главным упреком, который позитивисты делают демократам. Однако этот упрек основан на недоразумении, ибо отрицательное вовсе не есть нечто изолированное — как таковое оно было бы ничем, — оно существует лишь как противоположное положительному; вся его суть, содержание и жизненность заключаются в разрушении положительного”.

¹¹ No original: “Противоречие есть самая интимная сущность не только всякой определенной или частной теории, но и теории вообще; таким образом, момент, когда теория понята, является в то же время моментом, когда ее роль исчерпана. Благодаря этому вкладу теория становится новым практическим и спонтанным миром в реальном присутствии свободы. [...] Противоречие и его ближайшее развитие составляют один из главных узлов всей гегелевской системы, а поскольку эта категория есть главная категория, главная характеристика нашей эпохи.



Em síntese, Bakunin compreende de Hegel aquilo que é profícuo para ele, o que pode ser útil para explicar e justificar a transformação revolucionária em suas diferentes formas de aparição, englobando aqui as formas indeterminadas deste problema. Os textos de Hegel expressam uma relevância ainda mais translúcida na vida de ativista de Bakunin. Anos depois, já em 1869, Bakunin conheceu Sergei Nietcháiev em Genebra, anarquista russo membro do Violência do Povo [Народная расправа].

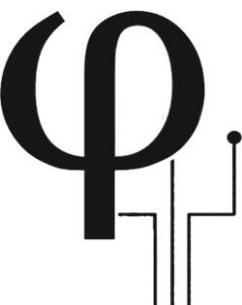
Neste declive cada vez mais radical em direção a uma interpretação da negatividade hegeliana, a qual atingiu a assimilação de força destrutiva pura, à aniquilação, Nietcháiev é o principal expoente da radicalização do discurso do jovem hegeliano Mikhail Bakunin. A conexão com Hegel se circunscreve enquanto uma exegese histórica, os pensamentos são, no entanto, muito diferentes. No ano em que Ivánov, membro do grupo anarco-niilista fora assassinado por Nietcháiev¹² na Rússia, o evento ocupou as diferentes manchetes no Leste europeu, tanto nos jornais da época, quanto na literatura realista do século XIX.

Marx assustou-se com os vínculos que Bakunin mantivera com este grupo, o que, entre outras coisas, contribuiu para a decisão de expulsá-lo da I Internacional no ano de 1872. Os descaminhos da negatividade hegeliana transformaram-se em “pura” negação. Mas seria este mesmo o futuro do entrelaçamento do hegelianismo em terras eslavas? Ao passo que a asseveração de um porvir da história que deveria superar o regime monárquico russo é afirmada tanto pelos hegelianos russos quanto pelos hegelianos alemães, neste percurso, enquanto rompimento com o reformismo liberal, observar-se a obra de Nikolai Gavrilovitch Tchernichévski (1828-1889). Um intelectual materialista¹³ de uma teoria social reconciliada com a própria humanidade, seu romance *O Que Fazer?* [Что делать?] foi escrito no cárcere entre 1862 e 1863; considerada a sua *Magnum opus*, influenciou profundamente o jovem Lênin, que por sinal, não adorava Hegel, como o jovem Bakunin. Lênin, em sua juventude, ainda se encontrava no estágio de uma espécie de pré-hegelianismo.

Nikolai Tchernichévski é reconhecido na história como um dos mais relevantes pensadores da intelligentsia russa esclarecida e como um dos mais importantes influenciadores do pensamento revolucionário que contagiou toda a Rússia na segunda década do século XIX. Pode-se observar na obra de Tchernichévski certa relação entre determinismo histórico e revolução. Também circunscrita nas mediações entre determinismo e ética em *O Princípio*

¹² Cf. Бакунин, 1870, p. 209.

¹³ Tchernichévski foi influenciado por Ludwig Feuerbach, um dos maiores representantes do hegelianismo de esquerda alemão.



Antropológico na Filosofia [Антропологический принцип в философии¹⁴], obra de caráter teórico filosófico fundamentadora do romance *O Que Fazer?*

Na verdade, o que aparece, mesmo de modo não exaustivo nesta etapa atual da nossa exposição, é o interessante desenvolvimento de uma lógica imanente ao Volksgeist histórico russo, o qual se manifesta em: (i) a teoria ética de Tchernichévski em “O Princípio Antropológico na Filosofia” (Антропологический принцип в философии); (ii) como essa teoria constrói os personagens do romance *O Que fazer?*; (iii) destaca-se aqui o próprio personagem Rakhmatov; e IV) os fundamentos do Socialismo Utópico russo do século 19 que germinaram a Revolução de Outubro do século 20.

Baseados nas obras de Tchernichévski e em sua conexão com a história da Rússia, alguns especialistas apresentam o personagem principal presente em sua Magnum opus como uma prefiguração de um revolucionário, gestado pelo Zeitgeist russo, existente enquanto potência no porvir daquela época. Rakhmatov pode ser compreendido através de uma perspectiva post festum, precisamente enquanto um pré anunciado, numa espécie de espelho do tempo do novo homem.

Não beberei nem uma gota de vinho. E não tocarei em nenhuma mulher. [...] Falamos por princípio e convicção, não por paixão ou necessidade pessoal [...] pelo menos, viu-o [o Palácio]. Conhece o futuro. Ele é radioso, lindo. Diga a todos: eis o futuro e ele é radioso e lindo. Ame-o. Esforce-se por alcançá-lo. Trabalhe por ele. Faça-o ficar mais próximo. Transforme-o em presente tanto quanto possa¹⁵ 20 (Чернышевский, 1969, p. 37, tradução nossa).

O pensamento de Tchernichévski é constituído sob a presença do materialismo filosófico, do socialismo utópico e do utilitarismo. A despeito de sua formação sólida, não ficou livre de críticas e posicionamentos diversos. Alguns leitores renomados o interpretavam como um materialista, sem problemas, como podemos observar em Plekhanov e Lênin. Outros intérpretes consideram o seu materialismo como uma forma de pensamento primitivo, cru e ingênuo – como é possível verificar nas críticas tecidas por Nikolai Berdiaev.

¹⁴ *Антропологический принцип в философии* [Princípio antropológico na filosofia, 1861]. Nesse livro são consideradas as visões materialistas de N.G. Tchernichévski sobre a unidade entre o homem e a natureza, compreendendo o humano como parte da natureza, mas ao mesmo tempo, vivendo de acordo com as leis da sociedade. O livro também analisa as opiniões do filósofo sobre peculiaridades e desenvolvimento do sistema nervoso e o cérebro humano e algumas questões da estética e da ética. A obra abarca a temática do papel histórico do conceito antropológico de N.G. Tchernichévski na filosofia russa.

¹⁵ No original: “20 «И ни к одной женщине не притронусь» [...] Мы говорим из принципа и убеждения, а не из страсти или личной потребности» [...] «По крайней мере, он видел его [Дворец]. Знай будущее. Он сияющий, красивый. Скажи всем: вот будущее и оно светлое и прекрасное. люблю его. Стремись ее достичь. Работайте на него. Сделай его ближе. Сделайте из этого подарок, насколько это возможно»”.



Assim como Bakunin, Tchernichévski compartilhava da necessidade da revolução socialista, no entanto não implicou em sua obra nenhuma reflexão sobre a violência, como fizera Bakunin com a radicalização da força do negativo. Com Tchernichévski poderíamos nos perguntar sobre o lugar que ocupa a mediação/*Vermittlung* (Опосредствование) em um trabalho que se propõe a exaltar a utopia; e então responderíamos: um lugar por excelência em seu enredo.

A partir de um enfoque social, que de um ponto de vista hegeliano ou marxista, apresenta pouco interesse em postular o absoluto em seu necessário desenvolvimento, o qual deveria buscar o preenchimento dialético do seu conceito, Tchernichévski, em clara oposição a Bakunin e Netchaiev, de certa forma realiza uma antecipação do novo homem, o homem da lógica, o homem da ciência/*Wissenschaft* (наука) e da razão/*Vernunft* (разум) a serviço da sociedade. O que existe de empréstimo hegeliano no livro de Tchernichévski?

Talvez Tchernichévski tenha perguntado antes de redigir seu livro na prisão de São Petersburgo: *O Que Fazer* com o neo-hegelianismo na Rússia? A aporia no título da obra nos inquieta: a новые люди [Nova Gente] ou Rakhmatov, afinal quem responde à pergunta?

O grande homem da lógica, Rakhmatov é um novo homem à frente de seu próprio tempo, uma espécie de antecipação extemporânea, justamente por ser incompreensível em sua própria época. Seria Rakhmatov uma versão russa do “grande homem” *Das Lehren aus Hegels Geschichtsphilosophie*? Muito distante do brutal Napoleão, aquele arquétipo de homem que ocupa lugar especial na tipificação do sistema de Hegel.

Para nós, Rakhmatov parece ser um regresso à imagem de Sócrates, um novo Sócrates recriado na modernidade no interior do Eterno Retorno da revolução filosófica que “sempre” marcha para frente, e que também tem seus modernos desencontros e incompreensões entre os próprios contemporâneos, é condenado à exclusão em um mundo velho que não reconhece o novo mundo porvir e assim desconhece inconscientemente o seu valor. Sobre o novo homem de Tchernichévski, Lukács¹⁶, na sua “Introdução” à edição alemã ao romance, explica as substanciais diferenças entre essa obra e a literatura da geração dos 40.

O novo homem pode resolver, sem enredo *trágico e catástrofes*, conflitos humanos semelhantes com o seu “egoísmo racional”, o que torna evidente sua superioridade espiritual e moral. Isso significa que não existe nenhuma tragédia, na medida em que o homem agir no espírito do “egoísmo racional”, na medida em que ele, com consciência límpida, examina seus próprios interesses (e produz uma organização racional deles), na medida em que ele, sem qualquer ilusão, sem qualquer fetiche, observa suas relações internas e

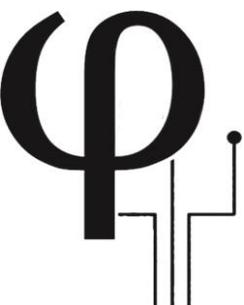
¹⁶ Cf. Lukács, 2017, pp. 4-29.

externas. Mais corretamente: todo e qualquer conflito trágico que a estrutura social burguesa e a psicologia, moral, etc., que cresce nela, produz, não é de maneira nenhuma natureza “humana universal” (e não tem, portanto, nenhuma validade eterna). Elas são apenas formas de aparência da inumanidade, da estreiteza de espírito da sociedade burguesa, não sendo, assim, de modo algum definitivos, mas podem e devem ser superados (Lukács, 2017, p. 29).

Em *O Que Fazer?* Há caminhos que se cruzam e um uso excessivo de metáforas; a linguagem imagética era um recurso que um escritor vivendo sob um regime repressor não poderia deixar de se valer. Em que pese Lênin, há pouca dúvida de que ele era reconhecido na figura de Rakhmatov. Não seria nenhum exagero realizar uma retrospectiva das ideias revolucionárias do século XIX russo, até a tomada do poder pelos bolcheviques em outubro de 1917, e nela encontrar paralelos entre o personagem de Tchernichévski com o centralismo democrático do partido, a presença do que poderíamos denominar de cientificidade revolucionária, e junto às massas a elevação da consciência revolucionária e a necessidade do combate armado. Até aqui, tudo parece desenhar um quadro de oposição entre Tchernichévski e Bakunin.

No entanto, o que eles têm de confluência – já que estão agregados num mesmo momento específico de nossa narrativa? Percebamos que tanto Bakunin quanto Tchernichévski conservam o mesmo desejo de ebulição ao interpretar o futuro russo no qual o país realizará grandes saltos, a fim de distanciar-se de sua inércia política preservada por diferentes czares, desde o glorioso – Alexandre I, o vencedor de Napoleão, a Nicolau I, Alexandre II “O Libertador”. Entre estes czares a vida política da sociedade civil russa não passara por nenhuma grande transformação rumo à modernidade, ao contrário, seus governos significaram conservação do poder ortodoxo feudal da velha Rússia.

No intercâmbio filosófico cultural entre o idealismo alemão e a intelligentsia russa, Fichte e Schelling deram caminho para a ultrapassagem de Hegel, aquele, entre os filósofos idealistas alemães que parece ter preparado o terreno para uma verdadeira filosofia da práxis disposta a responder à pergunta: o que fazer? No entanto, este movimento repentino da força do negativo, de uma filosofia dos novos tempos, pareceu ganhar na Rússia daquela época uma reação inevitável, a qual ganhou corpo, mesmo que inconscientemente, em Plekhanov e no jovem Lênin. E antes mesmo da grande Revolução Russa de 1917, os sintomas históricos de uma mudança estrutural da sociedade russa brilhavam como cristais nas páginas da literatura russa do século XIX.



Um edifício, um edifício enorme, enorme, do qual agora existem apenas alguns nas maiores capitais – ou não, nem um único como ele há agora! Ergue-se entre campos e prados, jardins e bosques. Os campos são o nosso pão, só que não como o nosso, mais espesso, espesso, farto, farto. [...] Pomares, limoeiros e laranjeiras, pêssegos e damascos - como eles crescem ao ar livre? [...] Os bosques são os nossos bosques: carvalhos e tílias, bordos e olmos – Mas este edifício – o que é, que tipo de arquitetura é essa?¹⁷ (Чернышевский, 1969, p. 20, tradução nossa).

2 HEGEL EM MOSCOU

O desenvolvimento da filosofia russa ocorreu em maior grau correlacionado aos movimentos e correntes filosóficas mais relevantes do Ocidente. Isso não aconteceu mediante uma relação passiva ou unilateral. Tais influências geraram sínteses filosóficas criativas e, muitas vezes, inovadoras, como podemos perceber no modo como se desenvolveram as interpretações do filósofo russo Alexander Kojève e sua aterrissagem hegeliana em Paris¹⁸.

Mas não só na *Philosophie contemporaine française* podemos encontrar reflexos do pensamento russo. O desenvolvimento do pensamento de Hegel no universo russo não se configurou apenas como um fenômeno contemporâneo. A filosofia russa alcançou e entendeu com clareza os problemas essenciais, as contradições e os desdobramentos dos projetos filosóficos da Europa Ocidental, enquanto esta, curiosamente, não conseguiu compreender, a partir de sua “interioridade” – do ponto de vista filosófico ocidental –, o Outro pensante do Leste europeu.

Já a partir de 1923, destacou-se na intelectualidade marxista europeia um apartheid teórico. Sabe-se desse muro através da bifurcação marxismo ocidental *versus* marxismo oriental. Algumas décadas antes, não exclusivamente dentro da ilha marxista, a essa segregação teórica certamente poderíamos referir a um grupo de filósofos relativamente extenso que influenciou o universo filosófico russo; entre esses filósofos, podemos citar Voltaire, Schelling, Feuerbach, Comte e Spencer. E, claro, a filosofia de Hegel, que ocupa, a nosso ver, um espaço especial no país dos soviets. O critério de verdade para essa constatação consiste no seu poder de influência, ultrapassando notadamente o poder de influência de outros pensadores.

¹⁷ No original: “Здание, громадное, громадное здание, каких теперь лишь по несколько в самых больших столицах, — или нет, теперь ни одного такого! Оно стоит среди нив и лугов, садов и рощ. Нивы — это наши хлеба, только не такие, как у нас, а густые, густые, изобильные, изобильные. [...] Рощи — это наши рощи: дуб и липа, клен и вяз, — да, рощи те же, как теперь; за ними очень заботливый уход, нет в них ни одного большого дерева, но рощи те же, — только они и остались те же, как теперь. Но это здание, — что ж это, какой оно архитектуры?”

¹⁸ Cf. Arantes, 1991, pp. 72-79.



A grande razão para isso não se encontra tão somente na qualidade. A filosofia hegeliana tornou-se sugestiva para um campo bastante versátil no interior do universo filosófico, ou devido à sua potencialidade categorial para os pensadores russos. Acima de tudo, sua influência reside em sua profundidade conceitual abrangente. *Les aventures de Hegel en Russie* possibilita afirmar – ainda que no nível hipotético – nenhum outro país, exceto na própria Alemanha, Hegel conseguiu ser tão difundido quanto foi na Rússia. Podemos observar isso ainda no século XIX, a partir da quadra histórica de 1830.

Ainda no século XIX, o filósofo alemão Schelling ocupou uma larga margem de influência. A maioria dos filósofos russos eslavófilos, especialmente os mais veteranos, passou por um aprendizado anterior à presença de Hegel na Rússia. Trata-se de um período de influência do romantismo alemão no Leste europeu, em especial na figura de Schelling. Para os russos da época, apoiar-se em filósofos alemães era uma forma de contrapeso à principal influência europeia na Rússia daquela época, a saber: a filosofia francesa.

Observa-se ainda no decorrer desse século que a influência de Schelling começou a ser eclipsada pela presença de Hegel; a partir daí, ocorreu entre os filósofos russos dessa época uma espécie de bifurcação filosófica mortal. Muitos ocidentalistas (западники) como Herzen e Granovskii adotaram Hegel e se mantiveram influenciados por sua filosofia. Vários dos futuros eslavófilos (славянофилы) também foram influenciados por ele e passaram por uma fase “hegeliana”, mas muitos renegaram Hegel posteriormente, seja por já estarem com uma filosofia própria formada, não mais dependendo de filosofias ocidentais, seja por oposição ao abraço dos ocidentalistas a Hegel.

Também constatamos que, ao frequentar a Universidade de Moscou, ao contrário de Kireevskii e outros futuros eslavófilos que eram membros da conservadora Sociedade de Amantes da Sabedoria, K. Aksakov ingressou no círculo de discussão hegeliano, do qual saíam vários dos futuros ocidentalistas: o Círculo de Stankevich (1831-1839). Grande parte dos nobres eslavófilos viajou e conheceu a Europa Ocidental.

Vários deles encontraram-se pessoalmente ou se correspondiam com filósofos e autores europeus cujas teorias pareciam estranhas a Weltanschauung eslavófila. Ivan Kireevskii, em sua visita à Alemanha, assistiu aos seminários de Hegel e até discutiu com Hegel e Schelling pessoalmente. O fato de serem nacionalistas e contra a influência excessiva da Europa Ocidental sobre a Rússia não criava obstáculos para que estudassem e apreciassem aspectos que consideravam avançados na cultura europeia.

Nessa tentativa de acompanhar *Les aventures de Hegel en Russie*, poderíamos elencar alguns fatos importantes. Estes fatos estão, antes de tudo, relacionados às atividades



do Círculo de Stankevich e, conseqüentemente, com as pesquisas de pensadores como Mikhail Bakunin e V. Bellinskii.

M. Bakunin, como já sublinhamos, tinha convicção de que ao estudar Hegel poderia encontrar uma chave da resolução para todos os problemas existentes, por via da interpretação de que o universalismo hegeliano é uma determinação imanente ao sistema social e não um mero esquema teórico abstrato. Ao vislumbrar uma espécie de realismo político no sistema hegeliano, ele destacou a relevância da busca do negativo no universalismo, que levou inevitavelmente ao radicalismo de uma filosofia da práxis inclinada à revolução. O artigo *The Reaction in Germany* (1842), lançado num jornal alemão, apresentou Bakunin como um dos representantes do hegelianismo de esquerda.

Já para Bellinskii, o fundamental da filosofia hegeliana se encontrava na tese que caracteriza a realidade como algo racional. Daí o pensador retira a ideia de reconciliação/*Versöhnung* (примирение) necessária – no sentido mais restrito da palavra – com a realidade. A interpretação de Bellinskii durante muitos anos preencheu a mente dos representantes da *intelligentsia russa*, apesar de interpretações discordantes de representantes como Plekhanov e Chizhevskii.

Ainda a respeito da influência de Hegel sobre os pensadores russos, não poderíamos deixar de mencionar Piotr Tchaadáiev, os eslavófilos e Herzen. Já T. Granovskii é comumente caracterizado como um hegeliano acadêmico. Ele constatou a relevância de Hegel para a investigação sobre a história, conferindo um significado peculiar às noções hegelianas de análise imanente do processo histórico, ao papel do indivíduo na história, à dissonância entre as intenções e as conseqüências das ações humanas, assim como também à concepção de maldade na história. Todos esses problemas são explicitamente encontrados, de modo ressignificado, na filosofia russa.

Van der Zweerde (2009, p. 89) dizia que “in Russia, nothing is more difficult to predict than the past”. A frase é bem sugestiva; ela reflete uma sabedoria cujo entendimento sobre o que foi o passado configura-se como algo muito mais complexo do que um mero acontecimento diante de nós; acima de tudo, traz a compreensão de que o passado é um relacionamento sempre recarregado pelas preocupações do presente. É com esse espírito que constatamos a presença de Hegel na Rússia – pré e pós-Revolução de 1917.

Sobre a presença imanente da filosofia hegeliana na Rússia, no século XX houve duas grandes traduções da Ciência da Lógica/*Wissenschaft der Logik* (Науки Логики) para o russo: a primeira é a tradução de Nikolai Grigoryevich Debolski, publicada na Rússia pré-



soviética em 1916 e reimpressa já no período soviético, em 1929. A segunda é a tradução de autoria de B.G. Stolpner, publicada em Moscou em 1937 e 1939.

Conforme as considerações editoriais, até aqui as traduções subsequentes de *Wissenschaft der Logik* em terras russas (re)apresentaram a versão soviética de 1937-1939 de B.G. Stolpner, mas não a primeira tradução feita por Debolski em 1916. A justificativa, conforme especialistas em filosofia da Rússia contemporânea, sustenta-se na constatação de que a tradução de N.G. Debolski.

[...] está repleta de erros grosseiros e muitas vezes se resume a um conjunto de palavras sem sentido completamente mecânico [...] Erros grosseiros e completamente imperdoáveis que Debolski consegue fazer mesmo em lugares onde Hegel fala em linguagem muito simples¹⁹ (Гегель, 2017, p. 523).

Essas declarações dos especialistas do Instituto de Filosofia de Moscou ajudaram a enterrar junto ao autor da primeira tradução todo e qualquer interesse em analisar mais cuidadosamente a tradução de Debolski. Curiosamente, conforme o autor do monumental dicionário mais recente da Filosofia de Hegel na Rússia, tais declarações foram repetidas nas edições russas subsequentes da *Wissenschaft der Logik*, incluindo a primeira edição pós-soviética.

Já na Rússia contemporânea, a primeira interpretação de Debolski foi aceita como uma adaptação mais fiel a Hegel, em termos filosóficos. Para ilustrar um pequeno detalhe sobre o termo existência [существования], este transmite melhor o significado de Existenz hegeliano utilizado no segundo volume (Учение о сущности/A Doutrina da Essência) da *Wissenschaft der Logik*. Em todas as outras situações, as atualizações realizadas pelos filósofos do período soviéticos à terminologia russa de Debolski infelizmente parecem distorcer a compreensão da obra ou tornam o texto do filósofo alemão mais obscuro.

Isso se torna evidente como na tradução de Debolski da categoria Sache (a coisa concebível/мыслимая вещь). Sache na tradução soviética foi modificada por мысленная вещь (a coisa mental). As traduções posteriores que seguiram a segunda tradução soviética de 1937-1938 reproduziram erros crassos das categorias hegelianas transportadas para a língua russa. Nessa mesma esteira da tradução do termo hegeliano, Totalität foi traduzida como целокупности (totalidade), em vez de, como traduzido por Debolski em 1916, Totalität/полноты (completude).

19 No original: “Очень много грубых ошибок и часто сводится к совершенно механическому бессмысленному набору слов [...] Грубые и совершенно непростительные ошибки, которые Дебольский умудряется совершать даже в тех местах, где Гегель говорит очень простым языком”

Na tradução de Debolski os especialistas do Instituto de Filosofia conseguiram identificar mais de mil erros. Eles não apenas contaram, mas também compararam cada página da tradução com o original em alemão. Tudo indica que, em lugar de uma nova tradução, em 1937 tivemos uma espécie de reconciliação (примирение) entre a tradução de Debolski e a tradução de Stolpner. É nesses termos que atualmente a pesquisa hegeliana na Rússia considera não ter havido uma nova tradução da *Wissenschaft der Logik*, mas uma reconciliação [примирение] em que a antiga tradução de Debolski foi tomada como base da nova edição russa.

Os nomes dos volumes, capítulos, seções e subseções onde estão concentrados os termos mais importantes da “lógica” hegeliana coincidem quase completamente. O texto da edição de 1937-1939 foi corrigido, eliminando arcaísmos do uso da língua russa do período pré-soviético, além de mudanças na ordem das palavras, substituição das palavras e frases por outras palavras e frases com significado idêntico.

No sentido mais geral, em especial após o embate de perspectivas entre os mecanicistas e os dialéticos na década de 1920, as interlocuções com a filosofia hegeliana foram expostas, tentando acentuar, na melhor das hipóteses, aprendizados de oratória, ou como enquadramento didático visando explicar Hegel dentro do universo do materialismo. Dito de outra forma: apresentando o assunto de cabeça para baixo.

No marxismo soviético posterior à era stalinista, na filosofia soviética, Hegel foi apresentado como o mestre da metodologia dialética – considerando, claro, correções materialistas. A maioria dos trabalhos publicados sobre esse tema acha-se mais próxima da escolástica medieval do que propriamente da filosofia viva de Hegel. Curiosamente, tanto pré quanto pós-Lênin, observamos uma interpretação sobre a filosofia de Hegel profundamente diversa das vigentes na Rússia do século XIX e do século XX soviético. Não se pode afirmar o mesmo em relação aos *Философские тетради* – Cadernos Filosóficos, de Lênin.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, demonstramos até aqui o encontro entre do Idealismo alemão com a cultura russa, mais particularmente, a ressonância da filosofia hegeliana na esfera da política (Bakunin), na tradução da filosofia hegeliana (N.G. Debolski. e B.G. Stolpner) e na esfera da literatura (Tchernichévski) na busca por uma identidade própria forjada pela *Intelligentsia* russa em terra eslava. A idiossincrasia de um país que coexiste entre dois continentes, sendo portanto,



euroasiático, engendrou, inescapavelmente, material intrínseco à problemática explorada em nosso texto. As tensões históricas com o Ocidente/Europa ocidental não se efetivaram exclusivamente no interior dos complexos sociais sustentáculos do poder centralizador do estado, sem embargo, tais complexos, transbordaram suas fronteiras, ganhando força e ocupando a esfera da ciência e da cultura filosófica. Na filosofia pode-se averiguar a presença mais enfática desses conflitos sociais. Hegel foi absorvido, acolhido e manuseado em solo russo a fim de encontrar seu lugar na constituição do ser-precisamente-assim na história da filosofia em um país onde a filosofia nunca permitiu abandonar sua essência radical, aliás, conservando-se de modo secular, ao ponto de refugiar-se na literatura e outros saberes, por ser substancialmente uma forma perigosa de conhecimento.



REFERÊNCIAS

- ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel* (antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã). São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ARANTES, Paulo Eduardo. Um Hegel errado mas vivo: notícia sobre o seminário de Kojève. *Revista IDE*, n. 21, p. 72-79, 1991.
- BENOIT, H. *Sócrates: o nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: excertos*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2017.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica 3: a doutrina do conceito*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.
- LUKÁCS, G. Introdução à publicação alemã de O que fazer? de Tchernichévski (1951). Traduzido por Gabriel S. Philipson. *ArteFilosofia*, v. 12, n. 22, p. 4-29, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/82.5>
- KOJÉVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Contraponto: São Paulo. 2014.
- VAN DER ZWEERDE, Evert, The Place of Russian Philosophy in World Philosophical History: A Perspective. *Diogenes*, v. 56, n. 2-3, p. 170-186, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/0392192109336384>.

Em russo (transliteração)

- BAKUNIN, M. Reaktsii v Germanii (Ocherk frantsuza). In: *Russkaya sotsial'no-politicheskaya mysl' XIX — nachala XX veka*. p. 50. 2014.
- BAKUNIN, M. Pis'mo k S.G. Nechayevu 2-go, 1870 – Reaktsiya v Germanii (Ocherk frantsuza). In: *Russkaya sotsial'no-politicheskaya mysl' XIX — nachala XX veka*.
- CHERNYSHEVSKI, N. G. *Chto delat'?* 2. ed. Dop. — Oform. khudozh. A. Durandina. L.: Khudozh. lit., 1969.
- GEGEL, F. *Nauka logiki*. Tradução de B. G. Stolpnera. Primedia E-launch LLC, 2017.
- NIKOLAYEVICH, M. S. *Dialektika Gegelya i filosofiya A.I. Gertsena*. World of Great Altai, 2016.
- KARAMAZIM, N. M. *O liubvi k Otechestvu*. Instituto Russkoy Tsivilizatsii, 2013. Moskva.
- TALEROV, P. I.; SHIRINYANTS, P. I.; A. A. *Russkaya sotsial'no-politicheskaya mysl' XIX, nachala XX veka: M.A. BAKUNIN*. 2014.

